

# Desejo e luto: uma referência a Hamlet<sup>1</sup>

Por Maria Luiza Rangel (EBP/AMP)

Neste texto focalizamos a mudança de estatuto do desejo de Freud para Lacan que leva em conta a atualização feita pela cultura sobre os ensinamentos freudianos, formalizados em inícios do século XX. Consideramos, aí os enunciados nos Seminários 6 e 10.

Tomamos como referência o personagem Hamlet da obra de Shakespeare, chamada por Lacan de a “tragédia do desejo”. No Seminário 10 ele resgata uma pergunta que atravessa os tempos: Por que Hamlet não age? Sendo ele um personagem que não recua de muita coisa e não se acovarda, por que não vai ao ato?

Neste Seminário e sobre esta indagação diz que ele não pratica justamente o ato que lhe cabe praticar por **lhe faltar o desejo**. Seria, então o **não-desejo de Hamlet** o inibidor do ato decorre da ausência do luto. Que processos libidinais são esses tão poderosos que comandam o sujeito e o deixam paralisado?

Freud destaca como relevante o que descobre na clínica, o desejo como força libidinal. Em Lacan, surge como estritamente relacionado à cura, capaz de fazer retroceder as exigências destrutivas do gozo. Relaciona-se ao agente operador no tratamento que é o desejo do analista e ao objeto **a** como causa de desejo.

Freud enfatiza a “força indestrutível do desejo” sendo notável sua descoberta relativa aos sonhos onde demonstra fartamente que esta, como as demais formações do inconsciente, são movidas pelo desejo. Esta ênfase é colocada com muito vigor, por exemplo, no sonho da bela açougueira e no sonho do pai morto.

Para Freud, em Hamlet o desejo aparece sob a forma de desejos incestuosos e hostis<sup>2</sup> tal como em Édipo. Mas na leitura que Lacan<sup>3</sup> faz de Hamlet ele já pré-anuncia o mais-além do Édipo, e que aparece formalizado no Seminário 17. Por isso, Hamlet é considerado o Édipo da modernidade, pois atualiza a tragédia de Sófocles. Marca a emergência, portanto, a aurora da ética moderna sobre a nova relação do sujeito e seu desejo,<sup>4</sup> diz Lacan.

Miller<sup>5</sup> ao comentar o Seminário 6, diz que Lacan põe Hamlet em contraponto ao Édipo e mostra que a natureza do desejo apontado por Freud em relação a Hamlet refere-se ao infantil.

Um das primeiras elaborações de Lacan sobre o desejo consiste em relacioná-lo à necessidade e à demanda<sup>6</sup>, surgindo, como resultado desse binário, um *resto* daquilo que se opera entre a demanda e a necessidade. Trata-se portando de um quantum pulsional que, advindo da demanda, não é totalmente capturado pela necessidade. Esse resto irreduzível da libido é capturado como objeto, que aparece sob a luz do desejo. É o anúncio do objeto **a** em sua função de causa de desejo, que prefigura o objeto perdido.

Uma relação entre a pulsão e o significante é dada pela primeira vez que é explicitada no grafo do desejo, onde a pulsão se inscreve como o significante da demanda.

O desejo tomará então sua posição de objeto **a**, situado em relação à angústia<sup>7</sup>.

É como objeto **a**, resto irreduzível na operação total do advento do sujeito, sobra da operação subjetiva<sup>8</sup>,

1 Este trabalho é um efeito da participação em um cartel da EBP-Bahia composto por Bernardino Horne, Ethel Poll, Lucy de Castro, Marcelo Magnelli sobre a temática Luto, mania e melancolia. Novembro/2015

2 FREUD, S (1980). *A interpretação dos sonhos*. In: Obras completas da Edição Standard Brasileira, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago. Texto de 1900

3 LACAN, J (2005). *O Seminário, Livro 10. A angústia*. (p. 361/66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (*Seminário de 1962/1963*)

4 *Idem*. (p. 362)

5 MILLER-A J. - Uma reflexão sobre o Édipo e seu mais-além. In: A Diretoria na rede. EBP. Dezembro 2013

6 LACAN, S (1965). *A significação do falo* In: Escritos. Rio de Janeiro, Zahar, (p. 167)

7 LACAN, J. LACAN, J (2005). *O Seminário, Livro 10. A angústia*. *Idem* (p.362)

8 LACAN, J. *Idem. Ibid.* (p.365)

que se lida no desejo e na angústia. Lidamos com isso, na angústia num momento logicamente anterior ao em que lidamos com ele no desejo. Daí sua condição de objeto causa de desejo.

O objeto **a** é o que permite ao sujeito lidar com todos os objetos de desejo. É quando a inexistência do desejo faz, então, questão para o sujeito. Sabe-se que na psicose, o desejo está fora estrutura devido a inexistência do objeto **a**. Na neurose, tal como em Hamlet ele aparece em suspenso.

Na análise feita no seminário 10, em Hamlet, a relação entre desejo e luto é um dos pontos mais destacados da tragédia, na medida em que o objeto implicado na perda no real não passa pela operação significativa.

No seminário 6, Lacan destaca os ciúmes relativos ao luto<sup>9</sup> presentes em Laertes, cujo luto em relação a morte de Ofélia é invejado por Hamlet: “ Não suportei sua bravura! A maneira de alardear sua dor! ” Diante da ostentação do luto pelo rival ele se defronta com o insuportável: a perda do objeto no real.

Freud observa que o sujeito do luto<sup>10</sup> lida com uma tarefa que consistiria em consumir pela segunda vez a perda do objeto amado. Ele insiste, justificadamente, no aspecto detalhado, minucioso da rememoração de tudo o que foi vivido da ligação com o objeto amado. Já para Lacan, o trabalho de luto é feito para, na verdade, restabelecer a ligação com o verdadeiro objeto da relação, o objeto **a**, que tornará possível a invenção de um objeto substituto.

A morte é uma perda, uma perda verdadeira, intolerável para o ser humano, provoca um furo no real, diz Lacan. A relação que está em jogo é inversa a da Verwerfung “ o que é recachado no simbólico reaparece no real” e, na morte se trata de um furo no real que reaparece no imaginário e necessita de simbolização.<sup>11</sup>

Esse buraco resulta do fato de revelar o lugar de onde se projeta precisamente o significante faltante. Aqui se trata, diz Lacan, do significante essencial na estrutura do Outro, aquele cuja ausência torna o Outro imponente para cada um dar a sua resposta. Esse significante, uma vez ausente, não pode articular-se no nível do Outro. Por isso, no luto tal como na psicose, no seu lugar vem a pulular todas as imagens que concernem aos fenômenos do luto. Por isso, o luto é aparentado com a psicose.

O caminho do luto que é uma elaboração significativa do objeto de perda no real não se abriu para Hamlet. Num cenário de ausência dos ritos religiosos, Hamlet desenvolve uma loucura particular que é a figura do *ghost*, uma manifestação imaginária.

A não elaboração do luto provoca a inibição do desejo.

Não há luto na mãe Gertrudes, o que faz desvanecer-se nele, dissipar-se qualquer impulso possível de desejo. Essa ausência representa uma evasão do semblante materno, uma Gertrudes genital, tal como aparece nas lembranças de Hamlet, que coloca uma questão sobre o DM.

Por outro lado, o desejo falta porque o ideal desmoronou. Lacan destaca o caráter da relação de Hamlet com o pai, um pai idolatrado que esconde o amor cortês que ele dirigia à mãe.

O desejo falta porque o Ideal desmoronou, diz Lacan. Quando se contradiz o Ideal, quando ele desmorona é o que se constata: o poder do desejo desaparece em Hamlet. Esse poder só seria restaurado nele a partir de um *luto de verdade*.<sup>12</sup> E é por isso que ele entra em competição com o luto de Laertes por sua irmã, que era o objeto amado de Hamlet e de quem ele fora subitamente separado pela carência de desejo.

9 LACAN, J. LACAN, J (2015). El Seminario . Libro 6. El deseo y su interpretacion (p.500). Buenos Aires: Paidós. Texto de 1958-1959

10 FREUD, S. (1980) *Luto e melancolia* In: Obras completas da Edição Standard Brasileira, vol. XVI. Imago, Rio de Janeiro. Imago. Texto de 1917

11 Lacan, J. Idem. ibid. (p.110)

12 Cf. LACAN, J. Idem. ibid. (p.115)

E isso se deu em função da perda do ideal do eu constituído pelo pai morto, antes colocado como pai imaginário, idealizado. Com esta derrocada, o desejo inexistente.<sup>13</sup>

---

13 LACAN, J. op. cit. (p.364)